

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR
VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA D'ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

NUM. 7



REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

SUMARIO

DESENHO, de Diogo de Macedo; EMOÇÃO ESTETICA E EMOÇÃO SENTIMENTAL, de Rodrigues Alves; VIDA ARTISTICA PARISIENSE, de Diogo de Macedo; REVISTA DAS REVISTAS, de Alvaro Maia; A ENTREVISTA DESTA SEMANA, de José Dias-Sancho; VIDA INTERNACIONAL, de Correia Marques; EXPOSIÇÕES DE ARTE, de Mario Domingues; MUSICA, de Alfredo Pinto (Sacavem); O CINEMA, de Henrique Roldão

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 numeros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade de V. Falcão—Officinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s/loja

Sabado
28 de Abril de 1923

conseguiu fazer. E conseguiu-o, repito, porque, em torno dum assunto sem interesse, borboleteou á vontade e levou o espectador pelo nariz a tudo quanto lhe apeteceu que ele supuzesse. Como arte é pouco, é menos como moral, e é nada como pensamento; a peça apenas nos serve para convencimento de que o sr. Rodrigues Alves póde fazer muito melhor desde que tome a vida a sério, encarando o teatro não como um pretexto para espairecer um cidadão, mas como uma das mais belas fórmulas de expressão do pensamento humano...

...E não me parece que para tal fim estejam expressamente indicadas as peças de assunto policial, muito embora o autor possua as inegáveis qualidades do sr. Rodrigues Alves...

Alvaro Maia

A entrevista desta semana

Candido Guerreiro, o grande poeta algarvio, define a sua Arte e revela-nos os seus projectos literarios

Cofiando a sua barba negra, o poeta dos *Sonetos* hesitava em conceder-me a entrevista.

—E' difficil, sabe V.? O que lhe hei-de eu dizer que valha a pena?...

Calado, eu atendia.

E, como se não tivesse na frente o jornalista, Candido Guerreiro poz-se a falar da sua Arte e da sua vida, alheado por completo daquelle suposto grave problema de vir depôr em publico:

—O Algarve nem sempre foi o que hoje é: uma provincia distinta, entre todas, pelos seus Artistas, com um publico acolhedor e culto, fomentando o progresso intelectual, servindo-se do nome dos seus poetas como dum estandarte glorioso...

«Quando eu comecei a escrever versos, escondia-os, como se fôsem um crime.

«O poeta era tomado como um maniaco, um excêntrico, um pobre diabo...

«Nada encontrei, pois, que me estimulasse: nem leituras, nem aplausos, nem exemplos.

Só a minha forte e inconsciente tendencia literaria me levou a prosseguir na versificação de todos os motivos, dos mais altos aos mais insignificantes: desde um olhar de mulher á ideia sublime de Deus...

Puz-me a reparar no desenho da sua cabeça moira, —sobre uma face escura de berbere, uma barba compacta, longa e negra como a dum rajah.

Candido Guerreiro tem um belo tipo de arabe, alto, desempenado, e em todas as linhas do seu rosto há a curva voluptuosa, a denuncia flagrante de um temperamento abrazado.

A sua voz continuava a evocar, todavia:

—Meu pai entendeu que o meu futuro estava no seminario... Fui para lá! Mas dois anos depois, uns versos em que eu negava Deus e outros em que atacava o celibato dos padres, atiravam-me de novo para a liberdade do amor e do pensamento.

«Então, a Mulher tornou-se, para mim, numa obcecação.

«Tinha versos para todas: para as morenas, para as loiras; para as magras, para as gordas; para as alegres, para as tristes; para as enamoradas e para as desdenhosas...

—Foi assim que nasceram as *Rosas Desfolhadas*...

—Foi. Poesia expontanea e simples.

—Contesto. Já ahi se pressente o poeta forte, ardente, adorador das formas concizas...

—Talvez. Em Beja compuz as *Avé-Marias*, sob a

influencia dos decadentes. Tinha acabado de ler com muito interesse o livro *Horas*, de Eugenio de Castro.

—Depois (já em Coimbra, a cursar Direito) encetou, então, a fase filosofica dos *Sonetos*...

—Sim. Em Coimbra enveredei definitivamente pelo soneto, mas já o cultivava no Algarve, até como forma preferida. E devo esclarecê-lo de que os criticos me assacaram grandes influencias de Antero... Todavia só mais tarde vim a ler Antero.

«Apenas em Faro, no liceu, alguém me tinha mostrado um soneto dele em certa selecta.

«Seria o suficiente para essa influencia se estabelecer?!...

—E' curioso esse esclarecimento... Porque prefere V. o soneto?

—Não lho sei explicar. Sei que o soneto é a minha finalidade.

«Forma alguma me satisfaz mais.

«Ela é sóbria e aristocratica.

«A Arte deve ser sempre elevada, concreta, luminosa.

«As palavras não se criaram para desfigurar as imagens e o pensamento... Elas são a argila de modelação docil. As palavras fizeram-se para exprimir exactamente os nossos sentimentos...

—Não era essa a opinião de Diderot, avancei eu em ar de *blague*. O grande homem da *Enciclopedia* entendia que a palavra foi dada ao homem para ocultar o seu pensamento...

Candido Guereiro riuse da ironia do sabio, e a conversa descaiu nos seus projectos literarios.

—Penso num novo livro...

—Um poema?...

—Não sei! Talvez sonetos... Talvez poesias dispersas...

«Não tenho meditado em poema algum. Não consultei ainda a minha imaginação para concluir se possuo as qualidades de efabulador que o poema requer. Todavia atribuo a dispersão pelos sonetos soltos

á minha vida intensa de trabalho, que me não permite tranquilidade.

«O eterno conflito economico, meu amigo!

Na verdade o escritorio de Candido Guerreiro notario está cheio de gente que o espera e deve amaldiçoar a demora do jornalista.

O Poeta, todavia, continua falando:

—A verdade tambem é que só trabalho quando o meu espirito quer e não quando eu quero.

«Há uma voz interior que escuto e a que obedeco mais do que á minha vontade. Quando ela não fala, o que valho eu, homem, diante do seu silencio? Continuo, pois, a escrever sonetos dispersos, e hei-de coligi-los, certamente...

—Fala-se numa segunda edição do *Eros*... E' verdadeira, a noticia?

—Penso efectivamente em tornar a publicar o *Eros* refundido e ilustrado...

E chegamos assim ao campo das novas correntes da Arte:

—Estou de acôrdo com todas as inovações, contanto que tragam equilibrio, galhardia e clareza.

A gente que se aborrecia no escritorio, esperando, inquietava-se mais.

Apesar de tudo o Poeta quiz ler-me versos seus, — sonetos inéditos, coloridos, maravilhosos, onde mais e mais se acentua a tendencia decorativa e pictural do Artista.

Abril explodia em azul e oiro pelas janelas escancaradas.

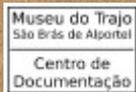
A sua silhueta tinha um aprumo distinto.

Num dos dedos surpreendi a nota heraldica de um brazão.

De vez em quando a sua mão amimava a barba longa, apartando-a, cuidando-a e se não fôsse eu despedir-me, atento á angustia da gente que se inquietava sentada pelos bancos, ainda o grande cinzelador da palavra colorida e sonora estaria discreteando sobre anedotas, sobre livros, sobre amores...

Para melhor evocar a sua fina e quente sensibilidade de meridional, acabo de abrir o volume dos *Sonetos*, quasi o tornei a ler, folha por folha, ressoante de musicas estranhas como é, magnifico de Emoção, extraordinario de sintese, como o sinto destacar-se da imensa avalanche de rimas que entulha a nossa literatura inteira.

Melhor do que eu, leitor, falará por mim este soneto ao acaso colhido da sua obra, como a flôr que num parque mais perto da mão nos ficou:



Diante de Astarteion

A tarde é d'oiro e ambar, em poalhas,
E cae, desfeita em rosas, na bahia,
Arde em linguas de incendios e radia
Em lanças e broqueis, sobre as muralhas...

—Pelo Mediterraneo, em calmaria,
Aphrodite—Astartéa! és tu que espalhas
A purpura sangrenta das batalhas,
Teu proprio sangue sobre Alexandria! —

E há brancuras esparsas: vêm do Nilo
Vãos de ibis, florindo o ar tranquilo;
E nos jardins da Deusa, como luas,

Mármoreos fulgem, e palpitam, brancos,
Na sombra dos sycómoros os flancos,
Seios e braços de mulheres nuas...

José Dias-Sancho

A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero a critica das exposições João Peralta e Lyster Franco, escrita por Mario Domingues.